

# Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

## Frida nos deixa sem jeito [Frida leaves us awkward]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Westhelle, Vítor
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-10 21:50:57
Link to Item	<a href="http://hdl.handle.net/20.500.12424/162124">http://hdl.handle.net/20.500.12424/162124</a>

## Frida nos deixa sem jeito

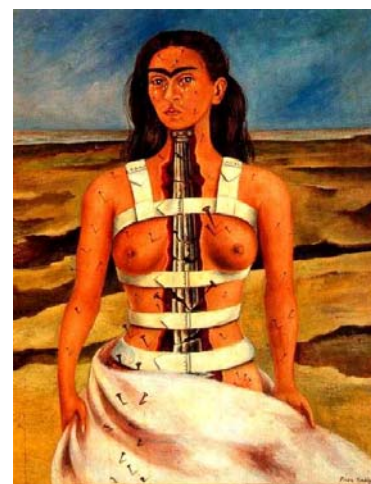
ENTREVISTA COM VÍTOR WESTHELLE

*“Frida Kahlo é cultura como transgressão de domínios. Sua pintura, sua escrita e sua culinária estão de tal modo imbricadas que escapam dos cânones das disciplinas bem comportadas. Por isso, caracterizá-la já é uma impossibilidade; algo assim como explicar um poema.” A análise é do teólogo Vítor Westhelle, professor de Teologia Sistemática na Escola Luterana de Teologia de Chicago, Estados Unidos. Sobre a cozinha da pintora mexicana, pontua, “é uma alegoria”. E completa: “Frida nos deixa sem jeito”. A íntegra das afirmações pode ser conferida a seguir. A entrevista foi concedida por e-mail e reflete o artigo Santa Frida com aura e aroma, escrito por Westhelle para compor a coletânea sobre Frida Kahlo, em fase de organização pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Edla Eggert.*

*Westhelle é graduado em Teologia pela Escola Superior de Teologia da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), em São Leopoldo, mestre e doutor em Teologia pela Escola Luterana de Teologia de Chicago. De seus vários livros publicados, citamos o mais recente The scandalous God: the use and abuse of the Cross (Minneapolis: Fortress Press, 2006), cuja versão portuguesa sairá nos próximos meses pela Editora Sinodal, de São Leopoldo.*

**IHU On-Line** - Como caracterizaria a pintura, a escrita e a cozinha de Frida Kahlo? O que elas revelam sobre seu estilo e a valorização de sua cultura?

Vítor Westhelle - Assim como Frida escrevia com seus olhos, olhava com sua cozinha, escrevia com sua pintura e amava com um corpo rompido e que se rompia por amor (ela disse a Diego que havia sofrido dois acidentes: um foi com o ônibus em que se acidentou e o outro foi ter se envolvido com ele; e o segundo teria sido pior). Frida Kahlo é cultura como transgressão de domínios. Sua pintura, sua escrita e culinária estão de tal modo imbricadas que escapam dos cânones das disciplinas bem



Coluna Rota

comportadas. Por isso, caracterizá-la já é uma impossibilidade; algo assim como explicar um poema.

**IHU On-Line** - Nos livros de culinária de Frida Kahlo, qual é o traço que mais chama a atenção nas receitas apresentadas?

Vítor Westhelle - É o exótico das deslumbrantes e inusitadas combinações: pratos com carnes e frutos do mar acompanhados com verduras, junto a limões recheados com coco, e arroz em cores verde, branco e vermelho. Há sempre algo de doce nos pratos, azedo no aperitivo e apimentado na sobremesa. Sua cozinha é uma alegoria; é sempre sobre algo diferente ou distinto;

descreve-a assim como ela pinta o seu diário.

**IHU On-Line - Como arte e política se misturam em suas composições? Que tons, aromas e sabores se sobressaem?**

**Vítor Westhelle** - Walter Benjamin<sup>14</sup>, um contemporâneo de Frida Kahlo, dizia que o fascismo era a estetização da política, como ainda o é. O mérito de Frida Kahlo foi distinguir sua “apresentação” da representação que dela se faz e que ela mesma fez. É precisamente esta distinção que Frida logra manter. Ainda que ela seja politicamente reproduzível, jamais se esgota. Podia fazer amor com Trotsky e no mesmo quarto monumentalizar Stalin. Ela não se “explica”. Para Frida, *poiesis* e *praxis*, arte e política eram coisas distintas, ainda que intimamente relacionadas. Assim como não se entregou à arte pela arte, tampouco rendeu sua arte à política. Este é seu gênio.

**IHU On-Line - Como a arte de Frida ajuda a valorizar e revitalizar as culturas fora do eixo Primeiro Mundo?**

**Vítor Westhelle** - O que André Breton disse sobre o surrealismo ser nativo do México na obra de Kahlo, Alejo Carpentier<sup>15</sup> disse sobre o real maravilhoso. A diferença não é apenas conceitual. Sua obra é uma exposição do real que é ela mesma. Daí sua importância. Ela não pertence ao Primeiro ou ao Terceiro Mundo. Sua politização da arte, que, aliás, fazia até com deboche,

---

<sup>14</sup> Walter Benjamin (1892-1940): filósofo alemão crítico das técnicas de reprodução em massa da obra de arte. Foi refugiado judeu alemão e diante da perspectiva de ser capturado pelos nazistas, preferiu o suicídio. Um dos principais pensadores da Escola de Frankfurt. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>15</sup> Alejo Carpentier (1904 - 1980): escritor cubano. De pai francês e mãe russa, Carpentier reflete essa circunstância no seu cosmopolitismo. Nos anos 1930, publica *Pasión negra* (poemas) e *Ecué Yamba-O* (romance). Após um longo silêncio, em 1948 publica *El reino de este mundo*, romance em que capta o realismo mágico do continente americano, baseando-se numa intriga referente ao primeiro imperador negro do Haiti. (Nota da *IHU On-Line*)

resiste à estetização da política, seja ela qual for. Sua personalidade contraditória, suas múltiplas fidelidades e infidelidades jamais se alinham em um eixo.

Mercantilizada e politizada como tem sido e como ela mesma o fez, dura só até um desconcertante encontro mais aproximado. Frida nos deixa sem jeito.

**IHU On-Line - O que mais lhe toca na obra “Coluna quebrada”? Por que analisar esse quadro e o que ele revela sobre o momento em que foi composto na vida da pintora?**

**Vítor Westhelle** - A idéia inicial que me atraiu era o de explorar a hibridez do orgânico e do arquitetônico. Isto ainda vale outro texto. O que apresentei e achei mais imediato foi seu quebranto. O que me interessou finalmente foi a ambivalência do terapêutico e do trauma. É importante lembrar que este quadro foi pintado em 1944, no ano em que a saúde de Frida entra em rápido declínio. Ainda assim, ou por isso mesmo, há uma indecisa conflagração entre o trágico e o sacrificial. Aliás, é esta indecisão que faz Frida tão avessa a reproduções, muito embora seja isso que dela amiúde temos.

**IHU On-Line - Poderia dar mais detalhes sobre sua afirmação de que a coluna quebrada exposta no quadro de Frida simboliza a coluna grega e, portanto, a decadência da civilização ocidental? A fratura de Frida nessa obra é uma metáfora para a fratura de nosso mundo?**

**Vítor Westhelle** - Em uma entrevista, Jacques Derrida<sup>16</sup> confessou que, não obstante seu afã desconstrutivo, não se pode escapar da metafísica. Falava ele da tradição filosófica ocidental que remonta aos clássicos gregos. Frida Kahlo, meio século antes disse o mesmo nesta gravura: a civilização ocidental, do qual ela é herdeira e dissidente, é a coluna rota que a sustém em lágrimas de um irremediável quebranto.

**IHU On-Line** - O que você quer dizer com a afirmação de que a beleza de Frida está em expor sua dor como está exposta sua coluna?

**Vítor Westhelle** - Para Frida, “expor” era um verbo intransitivo. Se havia, como houve, um objeto (um cerdo, uma coluna, lágrimas, duplicidades, cordões umbilicais, frutas, Diegos e micos) era ocasional. Era apenas a oportunidade que se lhe oferecia para expor. Ponto. Na tradição mística, há esta idéia de que alma tem dois olhos, um que vê, como vemos, a superfície das coisas, e outro que vê a essência. Quando Frida representava um terceiro olho, era isso que buscava. Mas nele aparecia apenas Diego Rivera. Era o seu segundo olho que expunha a verdade e a realidade de Frida, apesar dela mesma. É este segundo olho que lhe dava a visão que tinha, mas apenas visível pelas lentes de suas lágrimas.

---

<sup>16</sup> Jacques Derrida (1930-2004): filósofo francês, criador do método chamado desconstrução. Seu trabalho é associado, com frequência, ao pós-estruturalismo e ao pós-modernismo. Entre as principais influências de Derrida encontram-se Sigmund Freud e Martin Heidegger. Entre sua extensa produção, figuram os livros *Gramatologia* (1973); *L'Ethique du don* (1992), *Demeure, Maurice Blanchot* (1998), *Voiles avec Hélène Cixous* (1998) e *Donner la mort* (1999). Dedicamos a Derrida a editoria Memória da IHU On-Line edição 119, de 18-10-2004. (Nota da *IHU On-Line*)